Por Iberdrola Soluções de energia verde Saiba Mais

Exclusivo

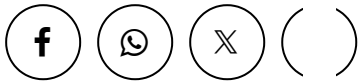
ELEIÇÕES AMERICANAS 2024

Sem pensamento político e com imprevisibilidade de sobra, só a primeira presidência Trump pode dar pistas do que ele pretende para o mundo

Donald John Trump nasceu a 14 de junho de 1946, em Nova Iorque
CHIP SOMODEVILLA / GETTY IMAGES

Quando tomar posse como 47.º Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump terá à sua espera dois conflitos internacionais para resolver e um mundo de expectativas para gerir, decorrentes de uma primeira presidência altamente disruptiva, entre 2017 e 2021. O republicano iniciará funções

na sombra de uma guerra comercial com a China, de uma estratégia de pressão máxima em relação ao Irão e de memórias de uma relação saudosista com Kim Jong-un. Prever a política externa de Trump é um exercício de adivinhação que corre o risco de ser desmentido no seu primeiro dia na Casa Branca



20:00

Margarida Mota
Jornalista

O regresso de Donald Trump à liderança dos Estados Unidos lançou apreensão em grande parte do mundo. Tal pode dever-se tanto à sua retórica incendiária, como à forma transacional com que encara as relações entre países ou ainda ao insistente lema *America First* (a América em primeiro), que semeia **receios de protecionismo mesmo entre parceiros e aliados**.

Sem um pensamento político consistente mas dono de **uma forma de estar errática e imprevisível**, Trump desafia qualquer tentativa de previsão do que pode vir a ser a sua política externa. Até se perceber que tipo de ator serão os Estados Unidos de Trump 2.0 na cena internacional, mais não resta do que **extrair pistas da sua primeira passagem pela Casa Branca**.

RÚSSIA

PRESIDÊNCIA 2017-2021

Donald Trump entrou na Casa Branca pela primeira vez a 20 de janeiro de 2017, sob **a suspeita de ter beneficiado de ajuda russa nas eleições**. O caso originou uma investigação que, porém, não o conteve: cerca de meio ano depois, reuniu-se com Vladimir Putin, na cidade alemã de Hamburgo, à margem de uma Cimeira do G20.

Os dois voltaram a reunir-se a 16 de julho de 2018, em Helsínquia, na Finlândia. O encontro durou duas horas e foi presenciado apenas por dois intérpretes. No final, Trump e Putin realizaram uma conferência de imprensa durante a qual o norte-americano **embaraçou o seu país, contrariando as conclusões dos serviços secretos** que apontavam no sentido de interferência russa nas presidenciais de 2016.

Com estes encontros, **Trump alimentou a ideia de uma relação cordial com Putin**, ao mesmo tempo que tratava a Rússia como um país inimigo: retirou os EUA do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermédio (assinado com Moscovo, em 1987), encerrou consulados russos em São Francisco, Nova Iorque e Washington e **aprovou uma Estratégia de Segurança Nacional que alertava para "potências revisionistas, como a China e a Rússia**, que utilizam a tecnologia, a propaganda e a coerção para moldar um mundo antitético aos nossos interesses e valores".

Vladimir Putin e Donald Trump encontraram-se, a 7 de julho de 2017, em Hamburgo ANADOLU / GETTY IMAGES

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

Trump regressa agora ao poder com uma guerra em curso na distante Ucrânia e os EUA empenhados na vitória de Kiev face a Moscovo. No decurso da campanha eleitoral, o republicano **prometeu acabar com o conflito "em 24 horas"**.

"Corremos o risco de ver — e percebemos o pânico dos ucranianos, mas também dos europeus — uns EUA com Trump empenhados em **alcançar o cessar-fogo com a Rússia a qualquer preço**", alerta ao Expresso Luís Tomé, professor de Relações Internacionais na Universidade Autónoma de Lisboa.

"Todos os sinais que ele foi dando são no sentido da sua prioridade ser não a preservação da integridade territorial e da soberania da Ucrânia — e, portanto, não manter o apoio à Ucrânia *ad eternum* —, mas a paz. Putin há muito tempo que percebeu esse lado de Trump. Aliás, há relatos de que **tiveram conversas durante os quatro anos em que Trump não esteve na presidência**."

ELEIÇÕES AMERICANAS 2024

Se Trump vencer... promete cortar impostos, deportar imigrantes ilegais, aumentar tarifas para bens importados e resolver a guerra na Ucrânia

Leia também ›

A 12 de setembro, o ainda candidato republicano à vice-presidência, J.D. Vance, verbalizou, numa entrevista, **um plano de paz** para pôr fim à guerra na Ucrânia. "Mas objetivamente, **parece-se muito com o de Vladimir Putin**", comentou "The New York Times".

O acordo previa que os russos mantivessem as terras que tomaram ao mesmo tempo que seria estabelecida uma zona desmilitarizada ao longo das atuais linhas de batalha, com o lado ucraniano fortemente fortificado para evitar outra invasão russa.

Embora o resto da Ucrânia continuasse a ser um Estado soberano independente, **a Rússia obteria uma "garantia de neutralidade" da Ucrânia**, previu Vance: "**a não adesão à NATO**".

"Se for assim, é totalmente ao contrário daquilo que foi a linha da Administração Biden, da NATO e da União Europeia", comenta Luís Tomé. "**É um sinal muito arriscado para a comunidade internacional**,

porque é Trump a achar que se pode substituir à liderança política de um país soberano, reconhecido internacionalmente, membro das Nações Unidas, com as suas fronteiras limitadas, em vez de, como tem sido a linha da Administração Biden, serem os ucranianos a definir o momento e os termos das negociações."

ELEIÇÕES AMERICANAS 2024

Da felicidade de Netanyahu às memórias de Marcelo, passando pelo telefonema de Macron e Scholz: assim reagiram 24 líderes à vitória de Trump

Leia também

É muito **provável que Trump desafie o apoio bipartidário à Ucrânia**, corte na ajuda militar e diga aos europeus que o problema é deles. Trump não vê o Velho Continente como um ativo valioso e é abertamente hostil à União Europeia (UE). Encorajou processos secessionistas como o Brexit e **ameaçou entregar aliados da NATO à Rússia** "para que faça o que raio quiser com eles".

"Se Trump seguir essa linha, **não vai ser possível haver coesão dentro da UE nem da NATO**. Na União Europeia, o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán há muito que defende o fim das sanções à Rússia e a procura de paz e na NATO sabe-se que a Turquia também não é favorável a sanções e ao prolongamento da guerra", conclui Luís Tomé.

"Portanto, uma mudança em relação à Ucrânia por parte da Administração Trump tem implicações diretas não apenas na capitulação da Ucrânia, mas será **uma fissura grave na relação transatlântica e entre europeus**."

ISRAEL

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA (2017-2021)

A 6 de dezembro de 2017, Donald Trump ignorou as aspirações palestinianas e **reconheceu Jerusalém como capital de Israel**. A transferência da embaixada de Telavive para a cidade santa, que os palestinianos também querem para capital, ocorreu a 14 de maio de 2018.

INTERNACIONAL
Estados Unidos-Israel, uma aliança à prova de bala
Leia também

Outra prenda de Trump a Israel foi **a retirada dos EUA do acordo internacional sobre o programa nuclear do Irão**, a 8 de maio de 2018, e a reintrodução de sanções suspensas pelo acordo.

Um terceiro presente foi anunciado a 25 de março de 2019, quando **Washington reconheceu a soberania israelita sobre os Montes Golã**, reclamados pela Síria.

Nesse dia, o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, estava de visita à Casa Branca. "Encontrei-me com muitos amigos de Israel neste gabinete. Mas como disse na outra sala, neste momento, num dia de História, **nunca tivemos um amigo maior do que o Presidente Trump**", disse.

A 26 de julho, Donald Trump recebeu Benjamin e Sara Netanyahu, no seu 'resort' de Mar-a-Lago, na Florida **Amos Ben-Gershom / Anadolu / Getty Images**

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

Dentro de menos de dois meses, **Trump e Netanyahu voltarão a coincidir nas lideranças dos seus países**. O regresso do norte-americano apanha o seu maior aliado no Médio Oriente envolto numa guerra que começou no território palestiniano da Faixa de Gaza e já se estendeu ao Líbano.

"**Não vou começar guerras, vou parar as guerras**", prometeu Trump, no seu discurso de vitória, a 6 de novembro.

"Resta saber se ele terminará a guerra em Gaza. O que ele espera é **que Netanyahu 'acabe o trabalho' antes de ele assumir o cargo**", comenta ao Expresso Kawa Hassan, investigador no programa para o Médio Oriente e Norte de África do Stimson Center, de Washington DC.

No domingo passado, Netanyahu fez saber que tinha falado com Trump três vezes nos últimos dias. "Foram conversas boas e muito importantes", disse. "**Estamos de acordo sobre a ameaça iraniana** em todas as suas vertentes, e o perigo que ela representa."

ELEIÇÕES AMERICANAS 2024
"Diplomacia preventiva": Netanyahu visita o centro do poder dos EUA, sem esquecer Trump
Leia também ›

"Trump 2.0 não é apenas uma vitória para o seu projeto MAGA [Make America Great Again], mas também para Netanyahu e os seus parceiros de extrema-direita", continua Kawa Hassan. "**Os palestinianos podem ser os maiores perdedores com o regresso de Trump ao poder**, uma vez que ele poderá apoiar a anexação de tanta terra quanto possível na Cisjordânia e, assim, acabar com a perspetiva de uma Palestina viável num futuro próximo", acrescenta.

"Mas **isso não trará segurança a Israel**. Pelo contrário, como nos diz a história, os povos oprimidos não desistirão das suas lutas pela igualdade, justiça e cidadania. Isto aplica-se também aos palestinianos. Infelizmente, isto significa mais morte e destruição para todos."

Esta segunda-feira, foi conhecida a escolha de Trump para o cargo de embaixador nas Nações Unidas. Trata-se da congressista Elise Stefanik, aliada fiel de Trump, com **pouca experiência em política externa, mas fortes convicções pró-Israel**.

IRÃO

PRESIDÊNCIA 2017-2021

O primeiro mandato presidencial de Donald Trump ficou marcado por **uma série de decisões que inverteram medidas decretadas por Barack Obama**, o democrata que o antecedeu na Casa Branca.

Uma das mais impactantes foi a saída dos EUA do acordo internacional sobre o programa nuclear do Irão, assinada por Trump a 8 de maio de 2018. Este acordo de 2015 travava o desenvolvimento das capacidades nucleares do Irão em troca do levantamento de sanções. Mas **Trump**

optou por uma estratégia de "máxima pressão" centrada na asfixia económica do Irão e no seu isolamento internacional.

A 3 de janeiro de 2020, por sua ordem, **um drone norte-americano assassinou o general iraniano Qassem Soleimani**, em Bagdade, no Iraque. Este ataque contra um herói nacional no Irão, que era o cérebro da estratégia dos *proxies*, fomentou desejos de vingança na região.

A 8 de maio de 2018, Donald Trump assinou a retirada dos EUA do acordo internacional sobre o programa nuclear com o Irão **Chip Somodevilla / Getty Images**

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

Na primeira presidência, Trump coincidiu no poder com um Presidente iraniano reformista: Hassan Rohani. Volta a acontecer agora, já que, **o seu homólogo em Teerão é Masoud Pezeshkian, favorável ao diálogo com o Ocidente**, como Rohani.

A imprevisibilidade de Trump, e o seu histórico com a Coreia do Norte, torna possível, em teoria, uma aproximação dos EUA ao Irão que culmine com um encontro ao mais alto nível.

"Pode acontecer", analisa Luís Tomé. "E **se houver sinais do lado do Irão de que estão predispostos a esse diálogo direto**, eu acho que Trump tentará fazer. Mas Trump não está no controlo de todas as variáveis. Não basta ele dizer que quer uma aproximação ao Irão como

forma de travar o programa nuclear e promover a paz, **é preciso que o regime iraniano esteja coeso nesse sentido**."

MÉDIO ORIENTE

Masoud Pezeshkian: a tomada de posse do novo Presidente reformista do Irão em oito momentos

Leia também ›

Por outro lado, "Trump sempre teve uma política seguidista em relação a Netanyahu. E já se percebeu, ao longo de mais de um ano de guerra, que **Netanyahu tem um objetivo: arrastar os EUA para um conflito maior com o Irão**. Netanyahu vê nisso uma oportunidade para destruir os vizinhos mais próximos do eixo da resistência [o palestiniano Hamas e o libanês Hezbollah] e destruir em definitivo as infraestruturas nucleares e energéticas do Irão, com o objetivo de, a prazo, provocar uma mudança de regime", acrescenta o professor da Universidade Autónoma.

"Acho que pode haver um *quid pro quo* com Netanyahu. **Trump sinalizou que não quer uma guerra generalizada com o Irão**. E, portanto, vai ter que dar algumas contrapartidas a Netanyahu para que não avance nessa linha. No imediato, creio que Trump prefere manter uma pressão máxima, com sanções, isolamento, ameaças, mas discretamente vai sempre travando qualquer passo que possa precipitar uma guerra em larga escala."

Kawa Hassan também prevê que Trump siga pelo caminho de uma "**pressão máxima 2.0 para alcançar um novo acordo nuclear**, diminuir o apoio do Irão aos seus *proxies* e conter o papel regional do Irão através de ações mais duras e ataques israelitas intermitentes", diz.

INTERNACIONAL
As sete guerras de Israel, segundo Netanyahu
Leia também ›

"Há preocupações de que **um Netanyahu encorajado possa atacar as instalações nucleares do Irão**. No entanto, um ataque deste tipo acarreta o risco de uma nova escalada de retaliações entre o Irão e Israel e aumenta a perspetiva de uma guerra regional total que vai contra a promessa eleitoral de Trump de acabar com as guerras", diz o investigador do Stimson Center.

"Nos próximos quatro anos [a duração do mandato de Trump], a República Islâmica do Irão enfrentará o seu desafio mais importante desde 1979. A questão chave é se o Irão estará disposto a comprometer a sua influência regional, os seus mísseis balísticos e o seu programa nuclear, adaptando-se à nova realidade regional, ou se prefere correr para a bomba nuclear", conclui.

No Médio Oriente, como na Ucrânia, "a prioridade da Administração Trump é fechar as guerras. No caso da Ucrânia, a qualquer preço. No caso do Médio Oriente, muito mais na linha de Netanyahu, exceto se levar a um confronto militar em larga escala com o Irão", acrescenta Luís Tomé. "E tudo isto porque **a prioridade de Trump não é nem a Europa nem a Ucrânia, nem mesmo o Médio Oriente**, a não ser para vender armas, **mas a China e a Ásia-Pacífico**."

CHINA

PRESIDÊNCIA 2017-2021

A 6 de abril de 2017, com menos de três meses na Casa Branca, Trump recebeu Xi Jinping e a mulher, Peng Liyuan, no seu *resort* de Mar-a-Lago, na Florida. Mas o que poderia ser um bom prenúncio de uma boa relação entre China e Estados Unidos não se concretizou.

Alegando razões de segurança, a 1 de março de 2018, Trump anunciou **a imposição de tarifas** sobre mais de 250 mil milhões de dólares (236,6 mil milhões de euros) de importações da China. Pequim retaliou e Washington voltou a agravar os impostos sobre produtos chineses. Para Trump, estas medidas visavam "**eliminar completamente a dependência em relação à China em todas as áreas críticas**", da eletrónica à farmacêutica.

Esta **guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo** foi subindo de tom com os EUA a imporem restrições à Huawei, alegando o perigo da empresa ser instrumentalizada em benefício do regime de Pequim.

Trump também tentou banir o Tik Tok, recuando posteriormente nessa posição alegando que a *app* era um contrapeso útil ao Facebook, que designou de "inimigo do povo".

Os casais presidenciais dos Estados Unidos e da China, a 6 de abril de 2017, à entrada da residência de Trump, na Florida GETTY IMAGES

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

Xi Jinping é um dos líderes internacionais que mereceu de Trump mais comentários elogiosos. É um "homem brilhante" e "topo de gama" ao nível da inteligência, disse em entrevista à Fox News. Mas o pragmatismo

do norte-americano não deixa que essa admiração iniba a proteção dos interesses comerciais dos EUA.

Durante a campanha eleitoral, Trump disse que planeia manter a política de tarifas impostas no primeiro mandato — que Joe Biden prosseguiu e intensificou —, e **prometeu um imposto de 10% a todas as importações e, no caso da China, taxas de até 60% em todos os bens**.

"Tenho algumas dúvidas de que Trump vá escalar muito mais do que já está. Vamos ver um intensificar da guerra e da competição tecnológica", prevê Luís Tomé. "Como a China é relativamente consensual entre os dois partidos, há uma linha de continuidade no sentido de a China ser o grande desafiador e de os EUA conterem a China. Mas há nuances... Não estou seguro que uma das medidas em relação à China seja o tal aumento de 60% das tarifas. **Trump percebeu que isso tem limites e que custa muito aos EUA**."

Ciente dos custos, no passado Trump já tinha tentado pôr fim à guerra comercial com aquele país asiático. A 13 de dezembro de 2019, anunciou a primeira fase de um acordo comercial com Pequim que visava aliviar as duas economias e, a prazo, enterrar o machado de guerra. **A pandemia de covid-19, que levou Trump a inflamar a retórica com "o vírus chinês"**, deitou tudo a perder. "Acho que Trump vai retomar um pouco isso", conclui Luís Tomé. "Mas vai depender muito de como a China também reagir."

CHINA

E se a China lançar um bloqueio a Taiwan? Ilha prepara reservas para cenário de guerra

Leia também ›

A relação EUA-China terá outro foco potencial de tensão: Taiwan. Trump não é claro sobre o que fará se a China invadir a ilha. "Ele não quer mostrar as cartas todas e mantém a ambiguidade estratégica", continua o investigador.

"Mas sendo pragmático, também já disse que **os taiwaneses têm de pagar mais pelo equipamento militar que os EUA lhe cedem** para sua defesa e proteção. E têm, sobretudo, de montar fábricas de produção de chips de alta qualidade nos EUA. Eu acho que Trump não será tão afirmativo como Biden a dizer que os EUA vão responder militarmente ao uso da força pela China contra Taiwan."

A 2 de dezembro de 2016, Trump (já eleito, mas ainda não em funções) fez soar os alarmes em Pequim ao realizar uma conversa telefónica com Tsai Ing-wen, a Presidente de Taiwan. Oito anos depois, a maré pode ter mudado.

"Podemos ter um cenário em que **para poder baixar o défice comercial com a China**, e sem que esta retalie numa verdadeira guerra de tarifas, haja uma acomodação de interesses com prejuízo para Taiwan. Com muita facilidade, Trump, em nome de contrapartidas económicas significativas para os EUA, poderá sinalizar a Pequim que **está disposto a reduzir ou deixar cair o apoio a Taiwan**."

COREIA DO NORTE

PRESIDÊNCIA 2017-2021

Quando Trump chegou à Casa Branca, a Península Coreana, e o mundo por arrasto, estava em polvorosa perante **sucessivos ensaios nucleares norte-coreanos**. Trump fez tábua rasa de uma prática diplomática de décadas e tornou-se **o primeiro Presidente dos EUA a pisar território da Coreia do Norte**.

O Presidente dos EUA esteve três vezes com Kim Jong-un — em Singapura (2018), Hanói e na Zona Desmilitarizada entre as Coreias (2019) —, mas esta diplomacia direta não deu frutos: **Pyongyang não abdicou do programa nuclear e Washington não levantou as sanções**.

A 12 de junho de 2018, Donald Trump e Kim Jong-un encontraram-se em Singapura ANTHONY WALLACE / AFP / GETTY IMAGES

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

No discurso de aceitação da nomeação republicana à presidência, a 18 de julho, Trump recordou **a sua experiência pessoal com Kim Jong-un**. "Dei-me bem com ele e parámos os lançamentos de mísseis da Coreia do Norte. Agora, a Coreia do Norte está novamente a agir. Dei-me bem com ele. Ele também gostaria de me ver de volta. **Acho que tem saudades minhas, se querem saber a verdade**."

"A possibilidade de haver uma reaproximação intercoreana ou entre os EUA e a Coreia do Norte será determinada, em grande medida, pela própria Coreia do Norte", diz ao Expresso Rita Durão, investigadora do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) que trabalha as dinâmicas de segurança na Ásia Oriental.

"E do ponto de vista norte-coreano, **as negociações com os EUA fracassaram, podendo ter resultado numa perceção bastante cética** em relação a ganhos que possam retirar de diálogo com os EUA mesmo com uma liderança de Donald Trump."

ÁSIA

Se o Norte provocar, o Sul "retaliará muitas vezes mais forte": retórica da guerra é a tónica dominante entre as duas Coreias

Leia também ›

Esta terça-feira, a imprensa norte-coreana, citada pela publicação sul-coreana "The Korea Times", noticiou que Pyongyang procedeu à ratificação de **um pacto de defesa recentemente celebrado com a Rússia**. O acordo surge numa altura em que tropas norte-coreanas combatem na Ucrânia, nas hostes russas.

"Ao longo da sua história, **a Coreia do Norte tem vários momentos em que joga os seus aliados e inimigos uns contra os outros**, alterando a sua postura consoante as concessões que potencialmente consegue extrair de cada lado", acrescenta Rita Durão.

"Nesse sentido, poderá haver interesse em procurar algum tipo de diálogo com os EUA de Trump por causa da vantagem (*leverage*) que possui no âmbito das relações com a Rússia. Este é o fator novo se comparado ao período de reaproximação intercoreana e de cimeiras, em 2018 e 2019."

ARÁBIA SAUDITA

PRESIDÊNCIA 2017-2021

A Arábia Saudita foi **o primeiro destino de Trump, quando realizou a sua primeira viagem oficial ao estrangeiro**, em maio de 2017. Então, o 45.º Presidente enunciou o combate ao terrorismo como uma causa comum entre os dois países.

A aliança foi posta à prova em setembro de 2019 quando instalações petrolíferas sauditas foram alvejadas por drones, num ataque reivindicado pelos hutis iemenitas e em que os sauditas implicaram o Irão. Trump, que já havia denunciado o acordo sobre o programa nuclear do Irão (xiita) — o grande rival regional da Arábia Saudita (sunita) —,

condenou o ataque, mas não se empenhou numa resposta militar como Riade esperaria. "**Não, não prometi proteção aos sauditas**", disse.

No Médio Oriente, **a Administração Trump fez história ao mediar os Acordos de Abraão**, que normalizaram a relação diplomática entre Israel e dois países do Golfo — Emirados Árabes Unidos e Bahrein.

"Estamos aqui esta tarde para mudar o curso da história. Após décadas de divisão e conflito, assinalamos o amanhecer de um novo Médio Oriente", disse Trump, na cerimónia de assinatura, a 15 de setembro de 2020, na Casa Branca.

Na Sala Oval, Donald Trump está rodeado por governantes dos Emirados Árabes Unidos, Israel e Bahrain **Shealah Craighead / Getty Images**

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

Os Acordos de Abraão constituíram um novo modelo para as relações na região — de aceitação de Israel, união entre árabes e isolamento do Irão —, que a Administração Biden prosseguiu. Quando o Hamas atacou Israel, a 7 de outubro de 2023, **a normalização da relação entre Israel e a Arábia Saudita estava no bom caminho**.

É possível que Trump retome o processo e invista num acordo entre Israel e Arábia Saudita. "Penso que o fará, dada **a importância da**

Arábia Saudita na estratégia dos EUA para integrar Israel na sua vizinhança árabe", diz Kawa Hassan.

"Mas existem sérios obstáculos à concretização deste objetivo estratégico. A **Arábia Saudita lidera a coligação global para o estabelecimento de um Estado palestiniano**, enquanto Israel rejeita o Estado. Trump orgulha-se de ser um grande negociador. Estará ele disposto a exercer pressão real sobre Netanyahu e os seus parceiros de coligação de direita para concordarem com a iniciativa da Arábia Saudita e alcançarem um acordo histórico?"

Na segunda-feira, numa cimeira de países árabes e islâmicos, em Riade, o príncipe herdeiro saudita, **Mohammed bin Salman, condenou "o genocídio cometido por Israel contra o povo irmão palestiniano**" e, de uma forma que não é habitual, **saiu em defesa do Irão** ao dizer que a comunidade internacional deve obrigar Israel "a respeitar a soberania da irmã República Islâmica do Irão e não violar as suas terras".

CUBA

PRESIDÊNCIA 2017-2021

A fúria de destruir o legado de Barack Obama levou Trump a reverter o degelo em relação a Cuba promovido pelo democrata e que o levou a realizar uma visita histórica à ilha, em março de 2016, a reabrir a embaixada dos EUA em Havana e a assinar 22 acordos bilaterais.

A 16 de junho de 2017, **Trump anunciou um retrocesso parcial da aproximação a Cuba**. Restabeleceu restrições às viagens e ao comércio sem, porém, romper os laços diplomáticos reestabelecidos por Obama.

Trump assumiu que **o bloqueio económico à ilha que dura há mais de 62 anos é para continuar** e, a 12 de janeiro de 2021, a oito dias de deixar a Casa Branca, inscreveu Cuba na lista do Departamento de Estado de Estados Patrocinadores de Terrorismo, onde ainda continua ao lado de Coreia do Norte, Irão e Síria.

Kamala Harris e Donald Trump ignoram bloqueio a Cuba, mas o assunto embaraça os Estados Unidos na ONU
Leia também ›

PRESIDÊNCIA TRUMP 2.0

Durante a campanha eleitoral, nem Donald Trump nem Kamala Harris fizeram do embargo norte-americano à ilha de Cuba um tema de discussão.

Mas Trump poderá ter uma boa surpresa reservada para a ruidosa comunidade cubana no país, que **vota no Partido Republicano de forma consistente e expressa um ódio permanente aos Castro**, ainda que já nem Fidel nem Raúl sejam os governantes da ilha.

Um dos nomes mais fortes para secretário de Estado (o correspondente ao Ministério dos Negócios Estrangeiros português) é o de Marco Rubio, senador pela Florida, nascido a 28 de maio de 1971, em Miami, no seio de um casal de imigrantes cubanos.

"O regime cubano ilegítimo fez de Cuba um porto seguro para a China comunista, a Rússia, o Irão e a Venezuela. Isto representa uma ameaça direta, a apenas 90 milhas das nossas costas, aos nossos interesses de segurança nacional e à estabilidade da nossa região", defendeu Rubio, a 12 de agosto, numa resolução de condenação do regime cubano. "Os EUA devem continuar a defender a democracia e a defender os direitos do povo cubano." Trump não deverá discordar.

RELACIONADOS

Trump designa Marco Rubio para chefe da diplomacia dos Estados Unidos

Encontro entre Trump e Biden na Casa Branca: "Transição de poder será tão suave quanto possível"

Trump nomeia Elon Musk para liderar departamento de eficiência governamental (e um veterano e ex-apresentador da Fox News para a Defesa)

Se Trump vencer... promete cortar impostos, deportar imigrantes ilegais, aumentar tarifas para bens importados e resolver a guerra na Ucrânia

Da felicidade de Netanyahu às memórias de Marcelo, passando pelo telefonema de Macron e Scholz: assim reagiram 24 líderes à vitória de Trump

O filme dos 25 dias que transformaram a política dos Estados Unidos numa montanha-russa

Estados Unidos-Israel, uma aliança à prova de bala

Kamala Harris e Donald Trump ignoram bloqueio a Cuba, mas o assunto embaraça os Estados Unidos na ONU

Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:
MMota@expresso.impresa.pt

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Diretor da prisão de Coimbra Orlando Carvalho será o novo diretor-geral das prisões

Tribunal de Paris pede cinco anos de prisão e inelegibilidade para Marine Le Pen

Notícia SIC
Madeira: JPP vai votar a favor da moção de censura a Miguel Albuquerque

Prémio de €60 mil atribuído a projetos de investigação sobre o cancro e retina humana